

# “Fazei isto em memória de mim...” (Lc 22, 19)

“Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele” (Jo 6, 56).

**Leonardo Núñez de M Reis**  
Bacharelado em Teologia na PUC-Rio  
leonardo.reis@gmail.com



Recentemente, numa tarde de domingo, depois de um almoço familiar, pegamos alguns álbuns de família antigos e ficamos recordando fatos, acontecimentos, experiências de vida e falando de pessoas que fazem parte da nossa história ou que já fizeram. Lembramos lugares, hábitos e costumes que já não existem mais, pois já se foram com o passar do tempo.

Tivemos momentos de alegria, de surpresa (ao relembrar coisas esquecidas pela memória) e de saudades durante o tempo que passamos revendo as fotografias antigas. Era como se aqueles pedaços de papéis impressos fossem capazes de trazer para o hoje aqueles momentos e as experiências vividas e registradas naquelas fotografias. Mexem com nossos sentimentos e nos contextualizam dentro de uma história de vida que vem antes de nós nascermos. Ousaria até dizer que essas lembranças nos ajudam a resgatar quem nós somos, auxiliando nossa autocompreensão.

Mas todos esses “pedaços de papéis” só fazem sentido ou são capazes de provocar alguma reação para nossa família ou para pessoas próximas que convivem conosco. Para um desconhecido, elas não têm o menor valor e não fazem o menor sentido.

Isso me levou a refletir que uma mesma situação, um mesmo sinal ou “ritual” pode ou não ter uma significação ou provocar sentimentos e mudanças de comportamento. O que vai nortear a importância e o sentido destes é a relação e a proximidade que cada pessoa tem com o acontecimento representado pelo símbolo.

Neste mesmo contexto deveríamos nos relacionar com a Eucaristia, cerne de toda a experiência e vida cristã. É preciso que tenhamos uma proximidade com toda a realidade presente neste sacramento, que transcende a certeza da transubstanciação ou ao mero reducionismo do cumprimento de um preceito cristão. E não há momento mais oportuno para uma boa reflexão sobre a Eucaristia do que o período pascal.

Infelizmente deixamos de perceber detalhes sutis, mas que na verdade possuem grande importância e significado. Não é sem propósito, que a Eucaristia tem seu fundamento originário numa refeição ao redor de uma mesa.

A grande importância deste fato é que o local da refeição, da mesa, simboliza um lugar, um espaço de igualdade e de partilha. As relações de dominação, de opressão e de subordinações não existem diante daqueles que estão compartilhando a refeição à mesma mesa. Como é gostoso sentar-se junto com pessoas de que gostamos para fazer alguma refeição. Automaticamente começamos a compartilhar nosso dia, nossos pensamentos, angústias, planos, alegrias, conquistas... contamos piadas. Enfim, compartilhamos nossa vida com todos que estão à mesa.

A Eucaristia, em sua origem também requer ser celebrada em comunidade, com mais de uma pessoa. Em outras palavras, é impossível celebrar o sacramento da Eucaristia sem ir ao encontro do outro e acolhê-lo. Ela nunca poderá ser celebrada de forma isolada, sozinha e fora de uma vivência comunitária. À imagem de Deus Comunidade de Amor ela necessita da nossa comunhão com o próximo para ser vivenciada autenticamente. Com isso, “se alguém tem algo contra ti, reconcilie-se com esta pessoa para depois celebrar a comunhão” (Mt 5, 23). Não é possível viver em comunhão com Deus, sem estar em comunhão com o próximo e vice-versa.

Celebrar a comunhão, é viver em comunidade e viver conforme Cristo viveu. É aprender um pouco com a cultura indígena, a colocar tudo em comunidade, partilhando as alegrias e as dificuldades, para juntos continuarmos nossa caminhada. Desta forma estaremos “fazendo isto em memória de Jesus.”

A comunhão vai muito além de uma mera recordação, um preceito ou algo mágico praticamente inexplicável. Requer um esforço para vivermos em conformidade com o evangelho de amor e inclusão vivido e deixado por Jesus. É fazer da nossa vida uma memória viva de Cristo.

Se limitarmos nossa vivência eucarística ao mero legalismo estéril, ao mero cumprimento do dever ou como algo mágico e distante, tratando o próximo sem compaixão, sem amor, com rigorismo excessivo e com exclusões, estaremos sendo como os desconhecidos diante de um álbum de uma família qualquer. A Eucaristia não fará mais sentido.

É preciso comer e beber do sangue de Cristo (cf. Jo 6, 56).

É preciso assumir a proposta de vida de Cristo, é preciso fazer-se sinal do amor misericordioso divino para estarmos em comunhão com Deus e com o próximo.

Só desta maneira, o celebrar a comunhão fará sentido como os velhos retratos de família e será capaz de realizar em todos nós maravilhas.

